



6.ª de Mahler

Ensemble Darcos

Nuno Corte Real, direção musical

04/07 sáb 21h30

Panorama - Multiusos de Alcobaca · Sala Lustre

MAHLER

Parceria:



Programa

Gustav Mahler (1860–1911)

Sinfonia n.º 6, em lá menor, GW 46, “Trágica” · Arr. para ensemble de K. Simon

I. Allegro energico, ma non troppo

II. Andante moderato

III. Scherzo: Wuchtig

IV. Finale: Sostenuto – Allegro moderato – Allegro energico

Ficha artística

Johannes Lörstad, *violino I*

Anna Paliwoda, *violino II*

Reyes Gallardo, *viola*

Marco Pereira, *violoncelo*

Domingos Ribeiro, *contrabaixo*

Nuno Inácio, *flauta*

Tiago Coimbra, *oboé*

Telmo Costa e Cândida Oliveira, *clarinetes*

Ricardo Ramos, *fagote*

José Pedro Pereira, *trompete*

Luís Duarte Moreira e Rodrigo Carreira, *trompas*

Marco Fernandes e Cristiano Rios, *percussão*

Ana Ester Santos, *harpa*

Helder Marques, *piano*

Inês Mesquita, *teclados*

Nuno Côrte-Real, *direção musical*

Organização



Apoio



Com o apoio de:



Parceria estratégica



Parceria institucional



Parceiros media



Membro de



Agraciado por



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de programa

Escrita entre os verões de 1903 e 1904, a *Sinfonia n.º 6*, em lá menor, de Gustav Mahler (1860–1911), é uma das obras sinfónicas mais intensas, sombrias e psicologicamente complexas do compositor e, para muitos, a sua obra-prima mais avassaladora. Por comparação com as demais sinfonias, onde a transcendência prevalece, aqui a escuridão vence, conduzindo o ouvinte por uma narrativa que avança sem concessões, paisagens emocionais sobre o destino implacável e a queda sem redenção. Nesse sentido, é uma sinfonia cujo sentido trágico nasce sobretudo da própria matéria musical. Estreada a 27 de maio de 1906, em Saalbau, Essen, o título viria a surgir aquando da estreia em Viena, a 4 de janeiro de 1907, onde constava como *Sexta Sinfonia (Trágica)*. O 1.º andamento apresenta uma dramaturgia densa, violenta e profundamente física. Inicia-se com um motivo marcial, verdadeiro motor do destino da obra, reaparecendo ao longo da sinfonia como símbolo da fatalidade. Em contraste, surge o tema de Alma [Alma Mahler (1879–1964), mulher do compositor], expansivo e luminoso, introduzido pelas cordas com grande lirismo. Contudo, Mahler compromete subtilmente essa luz através de harmonias instáveis e interrupções rítmicas, como se o próprio amor estivesse condenado desde a origem, a coexistência destes dois mundos, o marcial e o lírico. Cruel e mecânico, como paródia distorcida da vida quotidiana, o *Scherzo* apresenta o mesmo motivo marcial, mas distorcido, tornando-se sarcástico e cruel, a que se junta uma irregularidade rítmica, criando uma sensação de desorientação e ironia. O *Trio*, com o seu carácter quase infantil, introduz fragmentos de uma memória doce, logo devolvida ao grotesco. O 3.º andamento, *Andante*, surge como um oásis expressivo, com a sua escrita melódica ampla, meditação amorosa, profundamente terna e lírica, em jeito de despedida. Contudo, a orquestração revela sombras, sinal de que esta serenidade é vulnerável. Longo, labiríntico, cheio de falsos triunfos, o *Finale* é considerado um dos últimos andamentos sinfónicos mais devastadores da História da Música. Os motivos temáticos dos andamentos anteriores são convocados, particularmente o motivo marcial, agora fragmentado e distorcido, perseguindo a música de forma fantasmagórica. Os momentos aparentemente triunfais são interrompidos por modulações bruscas até que se ouvem os golpes de martelo, os golpes do destino que abatem o herói, terminando num colapso brutal, seco e sem redenção, o carácter trágico da moderna irreversibilidade do tempo, com a vitória final do destino.

José Bruto da Costa

Biografias

Ensemble Darcos

O Ensemble Darcos é um dos mais prestigiados grupos de câmara portugueses, reconhecido e respeitado tanto por especialistas como pelo público. Criado em 2002 pelo compositor e maestro Nuno Côrte-real, tem como propósito a interpretação dos grandes compositores europeus de música de câmara, tais como Beethoven, Brahms ou Debussy, e a música do próprio Côrte-Real, conferindo-lhe, assim, contornos de projeto de autor com uma versatilidade singular. O Ensemble Darcos varia a sua formação consoante o programa que apresenta, de duos a quintetos, até à típica formação novecentista de quinze músicos. Tendo como base o violoncelista Filipe Quaresma, o violinista Gaël Rassaert, o pianista Helder Marques e a violonista Reyes Gallardo, convida regularmente músicos de excelência oriundos de várias regiões do globo, destacando-se, entre muitos outros, o pianista António Rosado, a violonista Ana Bela Chaves, o violoncelista Mats Lidström, os violinistas Massimo Spadano, Giulio Plotino e Junko Naito, ou o percussionista Miquel Bernat. Interpreta regularmente programas líricos, sempre com grande sucesso, convidando alguns dos mais interessantes cantores portugueses, tais como Ana Quintans, Dora Rodrigues, Eduarda Melo, Job Tomé, Lara Martins, Luís Rodrigues, entre outros. Em 2006, o Ensemble Darcos iniciou uma residência artística em Torres Vedras, integrando, desde 2008, a Temporada Darcos então criada também sob a direção de Côrte-Real. Da sua regular e prolífera atividade concertista, destacam-se os concertos na sala Magnus em Berlim, a interpretação do *Triplo Concerto* de Beethoven, na igreja de St. John's Smith Square, em Londres, a participação regular nos Dias da Música de Belém, Lisboa, a participação no Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim em 2014, e concertos no Budapest Music Center e na Embaixada Portuguesa em Moscovo. Em janeiro de 2010, o Ensemble Darcos gravou para a RTP uma série de canções de Cole Porter com os cantores Sónia Alcobaça e Rui Baeta, programa apresentado em Lyon, França, em parceria com a Camerata du Rhône. O CD *Volupia* (Numérica 2012) foi o primeiro trabalho discográfico do grupo e inteiramente dedicado à obra de câmara de Nuno Côrte-Real. Desde então, seguiram-se *Mirror of the Soul* (Odradek 2016), *Lagarto Pintado* (Artway Records 2019), *Agora Muda Tudo* (Odradek 2019), *Cante* (Odradek 2020), *Time Stands Still* (Artway Records 2020), *Tremor* (Ars Produktion) gravado nos acalmados Estúdios Teldex em Berlim, Florbela/Porter (Artway Records 2023) e *Folias* (Artway Records 2024).

Nuno Côrte-Real



© Jorge Carmona

Com uma carreira de mais de trinta anos entre composição, direção musical e curadoria artística, Nuno Côrte-Real (n. 1971), é uma das mais importantes figuras da música clássica portuguesa. Citando o musicólogo Rui Vieira Nery, é um “compositor com liberdade criativa, desafiando todos os rótulos estilísticos atuais (...) em plena produção e em plena consagração, sempre com uma capacidade de nos envolver emocionalmente, muito saudável e muito pura, à sua maneira (...)”. Côrte-Real ganhou, consecutivamente, o prémio de Melhor Obra de Música Clássica da Sociedade Portuguesa de Autores, em 2018 e 2019, com o ciclo de canções *Agora Tudo Muda*, e a ópera bufa *Canção do Bandido*, respetivamente. O seu CD, *Tremor* (Ars Produktion 2021), foi nomeado em cinco categorias nos Prémios Opus Klassiek, Alemanha.

Em 1998 apresentou na Fundação Calouste Gulbenkian - Encontros Acarte - o teatro musical, *O Sentimento dum Ocidental*, recebido com entusiasmo pela Fundação e pela crítica musical. Entre as suas estreias mais importantes destacam-se a ópera, *Banksters*, no Teatro Nacional de São Carlos, a ópera de câmara, *A Montanha*, na Fundação Calouste Gulbenkian, *7 Dances to the death of the harpist*, na Kleine Zaal do Concertgebouw, em Amesterdão, *Concerto Vedras*, na Igreja Episcopal de São Pedro, em Nova Iorque, *Sinfonia Noa Noa*, com a Orquestra Sinfonica di Milano, no Auditorium di Milano, Milão, *Andarilhos - música de ballet*, na Casa da Música, e *Kind of Concerto*, com a Orquestra Sinfónica de Castilla y León, em Valladolid, Espanha.

Em dezembro de 2022, a convite do Mosteiro dos Jerónimos, concebeu, compôs e dirigiu o concerto de encerramento do quinto centenário da morte do rei D. Manuel (1522–2022), com a orquestra e coro do Teatro Nacional de São Carlos, um dos mais complexos e grandiosos eventos realizados na Igreja do Mosteiro.

A sua discografia inclui álbuns editados nacional e internacionalmente em vários géneros musicais e em diversas editoras de renome, como *Volupia* (Numérica 2012), *Espelho da Alma* (Odradek 2016), *Agora Muda Tudo* (Odradek 2019), *Cante* (Odradek 2020), *Time Stands Still* (Artway Records 2020), *Ciclo Hukvaldy* (Naxos 2021), *Rock Symphonies* (Solo Musica 2023), *Kind of Classic* (Solo Musica 2024) e *Folias* (Artway Records 2024). No mundo cénico, Nuno Côrte-Real trabalhou com alguns dos principais nomes da ópera, do teatro, da literatura e do cinema em Portugal e no estrangeiro, tanto como maestro como compositor. Em 2022, a sua banda sonora original para o filme *Terra Nova* (realização de Artur Ribeiro) foi nomeada para os Prémios Sophia, assim como a sua banda sonora para o filme do mesmo realizador, *A teacher's gift*, foi nomeada para melhor banda sonora original no Birmingham Film Festival 2024, em Inglaterra. Numa ascendente carreira internacional como maestro, Nuno Côrte-Real já dirigiu a Mahler Chamber Orchestra, Orquestra Sinfonica di Milano, Orquestra Sinfonica de Castilla y León, Orquestra Sinfónica da Ópera Estatal Húngara, Orquestra Sinfónica de Berlim, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Ciudad de Granada, Orquestra della Toscana, Orquestra Metropolitana de Lisboa, entre outras, além de inúmeros projetos com o Ensemble Darcos. Paralelamente, trabalhou com solistas de renome internacional tais como Shlomo Mintz, Ann Peterson, Nicola Ulivieri, Mats Lidström, Ana Quintans, Artur Pizzaro, Elisabete Matos, António Rosado, entre muitos outros.

Nuno Côrte-Real é fundador e diretor musical do Ensemble Darcos, grupo de música de câmara dedicado à interpretação da sua música e do grande repertório europeu, e é diretor artístico da Temporada Darcos, um dos mais prestigiados festivais internacionais de música clássica portugueses. Foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura, e em 2003 foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural da Câmara Municipal de Torres Vedras. Côrte-Real trabalha regularmente com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa.